



Redonda bola

Eliseu Savério Sposito ✉

Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil
E-mail para correspondência: eliseu.sposito@unesp.br

Recebido (Received): 05/11/2022
Aceito (Accepted): 11/11/2022

Resumo: Resenha. *Redonda bola*, música e letra de Eliseu S. Sposito, interpretada por Sidney Guri. No Spotify, disco Nosso Canto Geral.

Disponível em <https://open.spotify.com/track/3Oa2Hu9Zdzc7ZMEfaJhXkY?si=98f232a44128417b>, acesso 12 out. 2022.

Palavras chave: Futebol; Geografia.

Acordou cedo. Estava aposentado. Não tinha nada a fazer a não ser inventar alguma coisa para passar o tempo. O dia estava nublado, ameaçando chover, o que não lhe agradava muito porque poderia, sem chuva, ir ao centro da cidade ajustar os óculos, que estavam com os parafusos meio soltos. Ainda faltava tomar decisões. E tomar decisões era o que fazia todos os dias porque os dias estavam ficando longos na mesma medida em que a vida ficava curta. Como falou a médica, precisava de mais vida nos dias do que mais dias na sua vida.

O desjejum foi o de sempre. Um copo de leite com achocolatado que acompanhava as pílulas que precisava tomar diariamente. A pressão insistia em aumentar toda vez que deixava de fazer suas caminhadas, o colesterol dava as caras sempre que se descuidava e comia um pedaço a mais de queijo, a azia batia quando resolvia comer uma banana... e assim era a perspectiva na manutenção do corpo.

Como a chuva que, logo cedo, anunciou que viria, acabou vindo. Ficar em casa era a única possibilidade se não quisesse se molhar ao andar. Mas isso poderia ser feito no final da tarde, não haveria problema. Agora é que teria que encontrar o que fazer.

Lembrou-se das coisas que tinha guardado. Um dia teria que arrumar tudo o que estava em algumas caixas de sapato. Foi até o quarto, onde passava parte de seus dias acompanhando os noticiários esportivos e onde, por meio do youtube, lembrava os melhores momentos do seu time do coração. Em alguma prateleira do armário estavam as caixas, meio amassadas pelo tempo, mas resistentes para as coisas que lá estavam guardadas.

Na primeira que pegou, já sentiu a memória fervilhar e a saudade fazer se voltar para algum tempo vivido que trouxe as rugas na face e o branco da barba e dos cabelos. Ali estavam algumas medalhas, aparentemente de estanho, com suas correntes, algumas com manchas na cor cinza, outras mais escurecidas, ou talvez já fossem mesmo dessa cor. Pegou todas elas e espalhou em uma mesa redonda que servia para ele se sentar, colocar seu pequeno computador portátil e, vez ou outra, escrever para os netos que habitavam muito longe.

Foi lendo uma por uma: campeão, 1998; vice-campeão, 1990, artilheiro, 1995... elas se referiam aos seus prêmios quando jogava pelo time da sua vila. Naquele tempo, havia muitas filas para ver a gente jogar. Hoje, quando vai ao campo de futebol, porque estádio é coisa de gente grande, tem que entrar na fila porque não pode mais jogar. Sabia que os gramados de sua cidade estavam tão ruins quanto em sua época de atacante. Jogava pela ponta esquerda, sabia chutar com os dois pés, era mais destro, mas o pé esquerdo também teve seus dias de glória. É uma tristeza, pensou, tudo já mudou, já não sei mais fazer gols como os quais eu conquistei.

Embaixo das medalhas estavam alguns recortes de jornais mostrando quando foi colocado na seleção da cidade por seu desempenho ou quando seu time venceu o campeonato municipal de forma invicta. Nesse tempo, corria para um lado e para outro, auxiliava seu companheiro na lateral esquerda, batia os escanteios

com força e, quando podia, cobrava as faltas próximas da área chutando de “trivela”, encobrendo a barreira sutilmente, corria gritando gol, era abraçado e ovacionado pelos companheiros de equipe, elogiado pelos que estavam assistindo, provocado pelos adversários mas, sempre, sabendo que na semana seguinte tinha mais.

Um dos recortes estava perdendo a tinta. A fotografia estava embaçada, mas ainda se podia ver a última taça que ergueu. Estava ele ali, na foto, sozinho, taça para o alto, acima da cabeça, repetindo o gesto que Bellini notabilizou quando ergueu a taça Jules Rimet, na Suécia, em 1958, quando o Brasil foi campeão mundial pela primeira vez. Se Bellini ficou para a história, ele também pôde rabiscar no rascunho da vida, indelével na memória, um gesto emoldurado pelo sorriso de campeão. Onde estava aquela taça, não sabia. O time se desfez, as pessoas foram se dispersando, mudando para outras cidades, os jovens não se encontravam mais, não se lembrava com quem ficou a guarda das glórias materiais que não tinham muita importância quando foram conquistadas, mas que agora faziam falta para tocar os dedos e deixar cair duas lágrimas.

Arrumou as medalhas, depois de olhar uma a uma, recolocou-as sobre os recortes de jornais, organizadas por ano de conquista, fechou aquela caixa e voltou a guarda-la no mesmo lugar, mas parecia que abria uma gaveta no peito onde as imagens iriam ficar se sobrepondo à pátina do tempo, esse inimigo que mora em cada poro do corpo.

Tinha mais duas caixas para abrir. Quando olhou para o relógio, viu que duas horas haviam se passado enquanto olhava as medalhas e os recortes, mirava o infinito nas paredes do quarto e deixava-se ver nas pupilas correndo, olhando para a grama verde, empurrando a perna para dar força ao chute e vendo a rede, rota em alguns nós, aparar e acalmar a bola que aparecia em alta velocidade, sem que o goleiro pudesse fazer nada. Só é lembrança, lembrou, de quando eu goleava e essa gente só gritava a alegria da vitória. Mostra apenas que se foi a esperança de um adulto criança de tão simbólica história. Foram duas horas em que o que viveu voltou como redemoinhos no coração. O barulho da torcida, os gritos depois dos gols, os companheiros pedindo a bola, contrastavam com o silêncio das reminiscências que passaram sem ir embora.

Quando menino, ainda com cinco anos, correndo na poeira da estrada, zona rural, pôde pegar uma “bola de capotão”, como era chamada, ela que tinha o tamanho das suas pernas, correr atrás, chutar sem força, escorregar, rolar por cima dela e chegar, para o banho da tarde, suado e sujo com a terra do campinho. Mas a bola estava ali, foi ficando e ficando, ainda hoje jaz em algum lugar dos armários. Foi amor à primeira, segunda e terceira vistas, foi amor ao primeiro chute e ao primeiro tombo.

Naquele tempo havia, no estado de São Paulo, vários rivais no futebol, mas dois ficaram famosos pelas partidas e pelas taças levantadas. O Santos de Pelé, com a formação que era repetida facilmente por todos os jovens de então, com Gilmar, Lima, Mauro e Dalmo, Zito e Calvet, Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe só era parado quando Dudu - aquele que disse que se ganhasse tanto dinheiro como hoje no futebol, perderia a concentração porque o que gostava, mesmo, era jogar futebol - que formava o meio-campo com Ademir da Guia, do Palmeiras, colocavam Pelé & Cia, como era conhecido o time do Santos, “no bolso”. Lembrou de uma escalação do Palmeiras sem ter certeza de que estava muito certo. Mas os craques estavam aí: Valdir, Djalma Santos, Djalma Dias, Valdemar Carabina e Zeca, Dudu e Ademir da Guia, Edu, Tupãzinho, César e Nei.

Os times ficavam, os jogadores se moviam, no entanto. Uns vinham, ficavam famosos, gravados na história do clube; outros vinham e iam sem deixar rastros importantes, mas na história do clube todos estiveram a correr pelos gramados. Hoje, como ele, se não foram para a eternidade, veem a redonda a pular, sentindo quase parar o coração acelerado.

Voltou a se lembrar dos tempos de juventude. Havia duas outras caixas para abrir, mas elas foram deixadas, por enquanto, no lugar onde estavam. Sentia, toda vez que entrava em campo, a boca seca em poucos minutos. Era um misto de excitação e tensão pelo que teria que fazer. Correr não era apenas o que devia fazer. Como não tinha dinheiro para comprar uniforme de primeira, a meia ia ficando gasta, com algum furo na ponta do dedo, a chuteira, que só era recuperada com boas doses de graxa, o calção que ia desbotando de tanto ser lavado, a camisa, que era igual às dos demais colegas de time, também se descoloria nas mãos de sua mãe, que lavava com carinho o uniforme que era usado, todos os domingos e em algum dia da semana, porque os feriados estão aí para serem vividos, gritados e dormidos.

Jovem, já estava crescendo, as pernas foram ficando mais fortes, os chutes mais potentes, o fôlego mais resistente, a velocidade na corrida de trinta metros, ladeando a linha do campo, no lado esquerdo, fazia inveja a muitos companheiros. Gostava de se ver no espelho, ver que os músculos do braço estavam se delineando mais, fazia caretas para intimidar os adversários que ainda não ali estavam e ia se preparando para se sentir menos tenso quando entrava em campo.

Sempre havia um desafio nos dias que passavam. Ou eram os amigos que provocavam, ou era um adepto de outro time que queria ver um tira-teima em campo. Mas era nos momentos de disputa do campeonato da cidade que a adrenalina vinha com mais intensidade. E nem sempre as coisas saíam como planejado. Lembrou daquela vez em que, precisando auxiliar a defesa, em um escanteio do adversário, conseguiu dar uma das melhores cabeçadas de sua vida, a bola veio com força, subiu e fez o movimento de cabeça como havia aprendido, quase perfeito, cabeceou de olhos fechados, exatamente como não se deve fazer, já ensinara Pelé, e quando recolocou os pés no chão a decepção de todos foi muito grande porque foi o mais belo gol contra que ele já fizera. A frustração foi muito grande, abaixou a cabeça, foi consolado pelos colegas, até parabenizado pelo outro time pela beleza da jogada... mas foi gol contra. A vitória veio mais tarde, mas não foi com seu gol. Naquele dia, não dava pra explicar, não “balançou as redes” do adversário nenhuma vez, fez apenas aquele gol contra. Era dia para ser esquecido, mas quanto mais procurava esquecer, mais se lembrava do dia, ensolarado, o sol já ia se pondo, zero a zero no placar, a rede do seu time balançada por ele... mas contra... para dez minutos depois os gols deram a virada, mas não saíram de seus pés. Não foi o momento mais glorioso, mas era a imagem que voltava, sempre, mais nítida e mais dolorosa. Por que será? É uma tristeza, tudo já mudou, eu não sei mais fazer gols como os quais eu conquistei, ouviu como zumbido em seus ouvidos mais um trecho da música.

Enquanto o tempo passava, rápido pelos seus pensamentos, viu e reviu muitos gramados por onde passou. Desde o chão batido, empoeirado, irregular, com as traves de galhos de eucalipto, amarrados com corda de sisal, até os gramados bem cuidados, aparados zelosamente a cada três meses, como era o da firma onde trabalhou por quarenta anos. Defendeu suas cores e defendeu as cores do time da vila. Teve algumas propostas para ganhar dinheiro por outros times, teve até uma proposta, quando tinha 18 anos, de ir treinar no juvenil do Palmeiras, mas não aceitou nenhuma delas. Era fiel à linha que não via traçada de sua vida, mas que seguia à risca sem nunca perguntar se era destino, teimosia ou acaso.

Há algum tempo, lembra, resolveu contar muitas passagens de seus jogos para o neto mais velho, com 8 anos. Ele ouviu atentamente o que o avô dizia e, depois de alguns minutos, perguntou se a bola a que ele se referia era oval como a de futebol americano. Abaixou a cabeça, pensou um pouco, o neto estava com o olho arregalado por causa daquele silêncio, deu um forte abraço nele e perguntou se gostou da história. O neto disse que sim, mas estava com muito sono. Decidiu, então, que doravante só iria contar as histórias para o neto na hora que ele fosse dormir. E assim foi por muitas vezes. As narrações das partidas mais memoráveis, dos gritos das gentes na arquibancada, o sol escaldante da tarde de verão na latitude dos trópicos, a chuva que molhava a grama e fazia todos escorregarem, a roupa que voltava suja todas as vezes que entrava em campo, a massagem com arnica na perna, sempre com algum arranhão riscado pelas chuteiras dos outros, a dor na panturrilha que mostrava o grande esforço em alguma corrida mais forte para superar o lateral direito que tentava lhe acompanhar, o grito alto, rouco de tanto falar durante o jogo, a rede balançando e os companheiros correndo para o abraço de mais um gol, obrigação, prazer e dever cumprido.

A televisão foi chegando aos poucos e ganhou os olhos de todos na exposição dos jogos, nos debates em mesas redondas, todas quadradas, mas antes era o rádio que levava aos quatro cantos do Brasil as notícias do futebol. Fiori Gigliotti, da Rádio Bandeirantes, formava o “scratch do rádio” e era esperado por todos quando ia narrar um clássico paulista. Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo era o bordão entoado no início do jogo e, no final, fecham-se as cortinas e termina o espetáculo. Era uma alusão ao teatro que transformava um acontecimento em um campo retangular, verde de vários tons, com dimensões mínimas de 45 por noventa metros e máxima de 90 metros por 120 (o gramado do Allianz Parque, campo do Palmeiras, tem as dimensões de 105 por 68 metros), o campo tem as balizas (traves, genericamente) que devem ter 7,32 metros de largura e 2,44 metros de altura. A marca de pênalti fica a 11 metros da linha das balizas, bem no meio da grande área que, por sua vez, deve formar, em forma retangular, com cada lado distando 16,5m de cada poste lateral da baliza e se prolongando, terreno adentro, outros 16,5m. Nas palavras desse narrador, um jogo de futebol se transformava em uma peça de teatro. Houve, também, outro narrador, Osmar Santos, que se tornou admirado por outros bordões, como quando, ao referir-se a um chute bem dado, falava “pimba na gorduchinha”, sem ser politicamente correto, ou “ripa na chulipa”. Desde então, a busca por bordões ficou sendo a “marca registrada” dos locutores de rádio.

Quando havia algum jogo mais importante, semi-final ou final de campeonato da cidade, podia ver as pessoas entrando, rádio de pilha colado ao ouvido, acompanhando com os olhos o “jogo do dia” e, com os ouvidos, os jogos do campeonato paulista ou do campeonato brasileiro que eram computados, até os anos 1990, por pontos perdidos. Uma derrota, dois pontos perdidos. Um empate, um ponto perdido. A contagem mudou e, para acompanhar a tendência inglesa e valorizar quem buscava a vitória, contada com três pontos e o empate continua com um ponto na conta dos dois adversários.

Ligou a televisão. Estava sozinho no apartamento do sétimo andar, amplo, todos foram viajar. Ele ficou porque, desta vez, tinha decidido ficar sozinho. Não sabia explicar, mas preferiu dormir até mais tarde, ficaria dois dias sozinho. A saudade da esposa, dos filhos e dos netos seria a companhia suficiente para esses dias. Ficar só, com a solidão dos pensamentos não significava estar solitário. Lembrou de um verso de George Moustaki, cantor grego-judeu nascido em Alexandria: *non, je ne suis jamais seule avec ma solitude*. Parou um pouco na sua própria lentidão para olhar o teto, seguir alguma mosca perdida, tropeçar na ponta do tapete, olhar pela janela para ver novamente o que via diariamente procurando descobrir algum detalhe que estava visível na configuração da paisagem urbana, enfim, eram os momentos que faziam bem para a alma que, repleta de alegrias sem soma nem subtração, levitava no silêncio das horas.

A televisão estava cansativa. Só estavam, ali, os debates repetitivos, as previsões improváveis dos próximos resultados, a gritaria de comentaristas que repetiam o óbvio, grotesco e ululante, nas palavras de Nelson Rodrigues. Aí pensou, como até agora tinha tido a paciência para ouvir, várias vezes por semana, as mesmas conclusões que se repetiam com palavras parecidas. A explicação veio fácil, pois havia algo importante nas entrelinhas: eram as imagens. Por vários ângulos, riscas para definir os impedimentos, quando começou a jogar bola, eram os *off-sides*, o VAR, árbitro de vídeo *Video Assistant Referee*, em inglês, congelava o jogo por alguns minutos ou instantes, a expectativa se tornava longa até a decisão, nem sempre correta, do árbitro de campo. E qualquer decisão polêmica era motivo para meia hora de conversa, concordando-se ou não com os acontecimentos.

Desistiu das repetições. Foi à cozinha, abriu a geladeira, reviu tudo o que já havia visto pela manhã, pegou um pote, abriu, viu uma porção de macarrão da véspera, colocou no micro-ondas, aqueceu um pouco, abriu uma garrafa de vinho, encheu meio copo, “até à linha do equador”, sentou-se na cadeira onde sempre se sentava, olhou os quadros na parede enquanto comia aquele macarrão sem queijo ralado, molho branco, o preferido, acompanhado de alguns goles de vinho, quando veio na imagem do guardanapo, milimetricamente dobrado, um tom de despedida.

Já havia passado o dia de acerto de contas com o passado contido nas medalhas e nos recortes de jornais. Lembrou-se de que tinha que tomar seus remédios. A pressão alta, que deu sinais depois que parou de correr atrás da redonda bola, o colesterol que teimava em ficar acima nos níveis toleráveis, a azia que voltava, de vez em quando e perturbava o estômago só era aplacada com o suco de um limão em jejum.

Lembrou, no fim da tarde, que o cansaço depois de um jogo, com a endorfina correndo pelos músculos, era prazerosa porque era o estímulo para pensar nos dias seguintes, nos jogos que iriam vir. A cabeça se preparava, o corpo se organizava e a expectativa se tornava um combustível que ia se acumulando aos poucos.

Mas havia mais caixas para ver o que havia dentro delas. Apareceu a segunda, deixou a terceira para mais tarde. Da caixa retirou, empoeirada, a velha bola de capotão, “primeiro amor”, como na música, embrulhada em uma fina folha de papel de seda, amassada, rasgada nas pontas. A bola de couro duro apresentava sinais de mofo. O que será que ocorreu? Ele sempre cuidava para que ela estivesse em ambiente seco, como era seu armário. Estava difícil encontrar uma explicação. Redonda bola é apenas a visão do tempo-inspiração a correr pelos gramados. Vendo de longe a redonda a pular, parece que vai parar, coração acelerado. Mais uma vez a música veio como surpresa que se repete quando se mexe no passado, pretérito presente.

Enquanto buscava uma razão para o mofo, sentiu uma leve dor de cabeça que foi aumentando aos poucos. Veio uma sensação de náusea, o estômago estava dando alguma sensação diferente, não havia experimentado ainda essa sensação até então, sentou-se na primeira cadeira que apareceu por perto e ouviu, bem nítido, o som de uma sirene de ambulância que foi, aos poucos, diminuindo lentamente até desaparecer por completo.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).